

Sarney critica "maus" brasileiros

Lembrados Tiradentes e Tancredo

É a seguinte a íntegra do programa *Conversa ao Pé do Rádio* de ontem:

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney. Esta é mais uma *Conversa ao Pé do Rádio*, que faço todas as sextas-feiras, hoje, dia 21 de abril de 1989, num diálogo permanente com o povo brasileiro. É o presidente prestando contas, explicando, conversando.

Hoje é uma data muito significativa, 21 de abril, dia da Inconfidência Mineira, dia de Tiradentes. E hoje, 1989, esta data comemora 209 anos em que aqueles heróis, santos e visionários pensaram na Independência do nosso país. Independência que veio, chegou e é, hoje, a grande Pátria Brasileira.

Reverência com emoção, como presidente, em nome do País inteiro, os heróis da Liberdade. Eles souberam acreditar ao futuro. Eles não ficaram lamentando as dificuldades e as amarguras da colônia, eles olharam os séculos, sobreviveram e venceram. Eles hoje são estátuas, são laróis, são exemplos, são nossas divindades cívicas. Hoje, também, eu desejo lembrar os quatro anos da morte de Tancredo Neves. Quando todos, já agora, silenciam o seu nome, eu não deixo em nenhum instante de lembrar a sua figura histórica e afirmar que, sem ele, que a História preparou para a transição, nós não seríamos o País que somos na virada da nossa História.

Eu confesso que tenho a consciência tranqüila porque cumpro todos os compromissos de Tancredo Neves. Tancredo nunca foi um sectário. O seu legado, que ele sempre pregava, foi o da conciliação. Em nome da conciliação, ele construiu a travessia. Hoje, procura esquecer o seu pensamento, a sua doutrina, a sua conduta, mas foi ela que sedimentou o caminho, a estrada que nós estamos atravessando. Tancredo Neves ficará assim incorporado como ficou o dia da sua morte: à história das liberdades no País. Seu sonho continua a ser o nosso sonho, como foi o sonho dos inconfidentes. Sua imagem e seu exemplo, a nossa determinação. Reverenciamos, portanto, também a sua memória, numa peregrinação ao santuário de São João del-Rei, invocando a sua vida, o seu sacrifício e a sua presença.

Brasileiras e brasileiros, há dois dias fizemos, como era nossa programação, modificações no chamado Plano Verão. O balanço desses 90 dias nos diz que afatamos a hiperinflação. Conseguimos taxas significativamente mais baixas do que as alcançadas na véspera do Plano Cruzado. Baixamos de 40% para 6% a inflação. É uma grande conquista. Não somente afastamos o perigo do desmoronamento econômico, como também do desmoronamento institucional. Nesta segunda fase, portanto, vamos tentar levar a economia de forma gradual e adequada às leis de mercado.

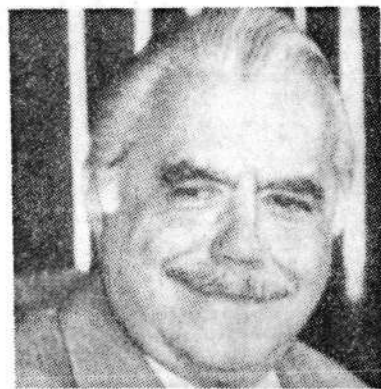
Na área salarial vamos corrigir as perdas e os trabalhadores terão um reajuste máximo, em abril, de 15,88% em seu salário. Estamos visando, com essa política, que tem sido a política constante do meu governo, preservar o salário real do trabalhador. O mesmo critério está sendo adotado em relação aos funcionários públicos. Na área dos preços, o congelamento está mantido. Os reajustes serão feitos somente com autorização do ministro da Fazenda e não podem ser executados senão com a periodicidade de 90 dias, sem exceder a variação acumulada de Índice dos Preços ao Consumidor, desde a última revisão. A política monetária continuará a ser exercida, com absoluta austeridade, com a prática de juros reais positivos e, na área fiscal, será mantido rigoroso controle de gastos, com o governo gastando somente o que for arrecadado.

Vamos, por outro lado, perseguir o objetivo de estabilizar a economia. E está a uma tarefa muito árdua. A inflação, como eu tenho dito, é muito difícil de combater, muito difícil mesmo! Minha tarefa é árdua, minha tarefa é gigantesca. Eu tenho que, ao mesmo tempo, tentar estabilizar a economia, defender o interesse público, este que não é visualizado pelo conflito, a guerra, podemos dizer, distributivista entre o capital e o trabalho. A função do presidente é harmonizar estes conflitos. Todos procuram tirar vantagens, todos querem ser generosos e o presidente tem de defender o interesse da Nação.

Eu tenho certeza de que a História me fará justiça de que tenho sido impecável nesta determinação. Não tenho tido outro objetivo. Eu não andei atrás da popularidade fácil à custa da demagogia. Tive incompreensão muitas vezes pela necessidade do cumprimento do meu dever. É bom dizer sempre sim, atender todos os pleitos, todas as solicitações, fazer todo mundo feliz, momentaneamente, mas a Nação não agüenta e, no fim, quem paga é o povo, quem sucumbe é o País e quem é o responsável é o presidente.

Eu tive a coragem de tomar atitudes, de vetar, sempre dizer não quando era necessário dizer, resistir. Não pelo desejo e a vontade de negar, não é do meu temperamento, mas pelo interesse coletivo. Por três vezes eu decretei políticas monetárias, por três vezes enfrentei e modifiquei a economia e estou sempre tentando. Isto não é fácil. Nunca ninguém fez isso neste País. Mas fiz tudo isto, para quê? Para encontrar o caminho e para melhorar. Infelizmente não tive o apoio necessário para enfrentar os inimigos da estabilidade econômica. Tivemos pela frente a resistência de muitos maus empresários com acordos de preços, de maus trabalhadores engajados em processos políticos, com greves, violências, motivações políticas e resistências de toda ordem que barraram o nosso caminho. Mas, nunca nos intimidaram, nunca diminuíram a nossa vontade. Por que sempre temos a determinação de ir em frente porque nós acreditamos no Brasil.

Eu acredito no Brasil como acreditou Tiradentes, que um dia disse o seguinte: "Se todos quisermos, seremos uma grande Nação". Esta é uma frase de Tiradentes. Pois eu acredito que vai chegar o dia no Brasil em que todos vão querer, e o Brasil vai ser uma grande Nação, como já é uma grande Nação.



Brasileiras e brasileiros, outro assunto. Tivemos nesta semana o Dia do Índio. Eu recebi uma figura que é, hoje, representativa do movimento indígenista no Brasil, que é o Davi Yanomani. Disse-lhe que os índios do Brasil são brasileiros, brasileiros antes de nós e que todos nós estávamos na mesma canoa, índios, brancos e pretos, crianças, mulheres, de todas as religiões, de todas as crenças, porque todos nós que estamos no Brasil somos o mesmo povo. Se a canoa nacional fosse ao fundo ou jogasse, todos nós sofreríamos a mesma coisa, qualquer que fosse a sua condição, rico ou pobre. Porque o Brasil é nosso, é de todos nós.

Temos problemas, mas devemos resolvê-los, devemos vencê-los. E o índio é para nós uma fonte de inspiração da nacionalidade. Ele é a nossa raiz. Temos o dever de fazer tudo por ele. Preservar seu território, que é o nosso território. Sua morada, sua floresta, sua condição de vida, seus rios, sua fauna, sua flora, que são a nossa fauna, a nossa flora, o nosso rio. E reconhecemos que existem maus brasileiros

que estão depredando, na febre da riqueza, do egoísmo, prejudicando o país, o índio, o seringueiro, o habitante sofrido do interior do Brasil que trabalha com a terra.

Mas não é só o governo que tem de enfrentá-los. Somos todos nós, porque o Brasil é muito grande e todos somos responsáveis.

Vamos dizer não ao mercúrio; à poluição dos rios, à invasão das reservas indígenas, à extinção das espécies, à liquidação dos parques, às queimadas.

O Brasil tem que ser defendido por nós. Nós não podemos admitir que estrangeiros venham nos dar lições, porque nós brasileiros é que somos responsáveis pela defesa das nossas riquezas. Lamentamos que brasileiros sejam aliados a esta gente que quer ganhar dinheiro e transformar a ecologia em negócio.

Outro assunto que desejo tratar e que tem me preocupado muito estes últimos tempos é o problema da violência. Nós não podemos nos conformar com a violência que estamos presenciando no Brasil. Não é possível, que se mate mais no Rio de Janeiro do que na guerra civil, lamentável, cruel e injusta do Líbano, este Líbano tão sofrido que tem no Brasil tantos descendentes que, conosco, sofrem as cenas e as dores que se presenciaram sobre o que ocorre naquele país que era um exemplo de paz e tranqüilidade.

Não é possível que a violência continue invadindo o País, o Brasil que se continue com a ocupação de fábricas, de greves predatórias prejudicando o povo, destruição de escolas. Queimar escolas! É possível se pensar em queimar escolas? Um crime contra o futuro! Isso não pode continuar. Combater este tipo de política deve ser a nossa posição. Porque gente que faz isso, quer liquidar o Brasil, quer liquidar as nossas instituições.

Nós continuamos o estado de direito. Portanto devemos respeitar a lei.

A nova Constituição não foi feita para implantar a impunidade no Brasil nem liquidar e democracia invocando a própria democracia. Não podemos ver, sem protesto, a insensibilidade apática dos que não se chocam, toleram e noticiam estes fatos sem abjurá-los e condená-los.

Finalmente, ao terminar este programa eu quero fazer uma retificação. O que nunca fiz e o faço pela primeira vez. Na última semana, ao referir-me a uma greve de Brasília, disse que líderes do Sindicato dos Jornalistas tinham ameaçado destruir instalações industriais. Eu fui procurado pela diretoria do Sindicato numa prova de grande responsabilidade dizendo que eles não estavam adotando nenhuma linha de violência. Quero portanto retificar. Esta conduta, segundo foi noticiada e a mim afirmada pelo diretor de um dos jornais, vítima desse ato de vandalismo, foi iniciativa de outra entidade que não o sindicato. Fica a retificação e a denúncia que me foi transmitida com a condenação do fato.

Finalmente, minha mensagem de fé e de confiança no Brasil.

A hiperinflação está afastada. Tivemos um novo recorde esta semana. Nossa balança comercial, em março, teve um superávit de 1,6 bilhão de dólares, o que significa 33,6% acima de março do ano passado. Nossa safra agrícola bate, pelo terceiro ano consecutivo, um novo recorde. E o nosso Ministro Iria Rezende comanda, no setor da agricultura, mais esta grande arrancada. Portanto, são motivos de se acreditar no Brasil. Vamos vencer.

Hoje, dia 21 de abril é dia de meditação sobre o nosso país. É dia de meditação sobre o Brasil. Como venceram os Inconfidentes, venceremos nós, porque ninguém segura o Brasil. Os pessimistas morrem cedo. Sobrevivem aqueles que acreditam no futuro.

Bom dia e muito obrigado a todas as brasileiras e brasileiros."

BRASÍLIA — A segunda fase do Plano Verão tem o objetivo de conduzir a economia de forma "gradual e adequada" às leis do mercado, segundo afirmou ontem o presidente José Sarney no seu programa semanal de rádio *Conversa ao Pé do Rádio*. Ele disse que o governo não pensa em abrir mão do congelamento controlado pelo Ministério da Fazenda, com reajustes de preços a cada 90 dias, e prometeu preservar o salário real dos trabalhadores com uma política de reposição das perdas provocadas pela inflação.

Sarney revelou algumas mágoas da primeira fase do plano: dos "maus empresários", por terem resistido aos acordos dos preços, e dos "maus trabalhadores", que aproveitaram o momento para deflagrar greves políticas. "Mas nunca nos intimidaram", acrescentou. Na avaliação do presidente, o balanço de 90 dias do Plano Verão indica que o perigo da hiperinflação foi afastado: "É uma grande conquista", afirmou.

Presidente retira acusação pública

BRASÍLIA — No seu programa de rádio ontem, o presidente José Sarney retirou a acusação de que o Sindicato dos Jornalistas de Brasília, durante uma greve de sete dias, ameaçou invadir e quebrar equipamentos industriais de algumas empresas de comunicação. Depois de procurado pela diretoria do sindicato, Sarney admitiu ter sido mal informado pelos próprios dirigentes de um dos jornais da cidade — o *Correio Braziliense*.

Segundo o presidente, é a primeira vez que ele faz uma retificação pública dessa natureza. E elogiou a atitude do sindicato, que deu uma "prova de grande responsabilidade" ao procurá-lo para esclarecer a situação e garantir a condução pacífica do movimento reivindicatório. A greve dos jornalistas de Brasília foi suspensa quinta-feira, com o reinício das negociações entre o sindicato e os representantes das empresas.